

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	
Data	___/___/___
Cod.	SUD000021

O Direito à Terra do Povo Suyá nas Margens do Rio Suiá-Miçu

Anthony Seeger, PhD
Smithsonian Institution¹

Resumo:

Durante quase um século os índios Suyá vêm utilizando recursos em áreas extensas nas margens dos tributários do Rio Suiá-Miçu que hoje encontram-se fora dos limites do Parque Indígena do Xingu. Assentamentos recentes (desde 1970) e o desenvolvimento de parte de seus territórios tradicionais resultou em danos graves para o ecossistema do baixo Suiá-Miçu, sua aldeia e sua capacidade de dar continuidade à sua cultura e vida econômica. Daí, em abril de 1994 agiram para impedir o desmatamento e a destruição da cabeceira do Córrego de Santo Antonio (chamado Wawi em Suyá). Querem estabelecer uma faixa protetora de terra para garantir que o maior tributário do baixo Suiá-Miçu, o Córrego Santo Antonio, não seja poluído pela criação de gado ou o desenvolvimento agrícola. Sua proposta é de garantir a proteção da cabeceira do córrego e, então, mudar sua aldeia para a junção do corrego com o rio, para aproveitar suas águas limpas e outros recursos necessários.

1/8

Os Suyá têm um direito claro aos recursos da região, que vem usando continuamente desde cerca do ano 1900. Alguns recursos que são essenciais para sua continuidade cultural e social só se encontram fora dos limites do Parque Xingu, para onde foram deslocados em 1959 logo após sua pacificação. Este relatório descreve resumidamente o aproveitamento histórico e atual dos recursos na região pelos Suyá.

A História do Assentamento no Suiá-Miçu

¹ Sobre o autor:

Dr. Seeger desenvolve pesquisas entre os Suya desde 1971; passou um total de 24 meses na aldeia durante visitas em 1971, 1973, 1976, 1978, 1980, 1982 e 1994. É antropólogo social e musicólogo, especializado em organização social e música. Chegou em Aldeia Rico no fim de junho de 1994 para passar vinte dias com os Suya, trabalhando com mapas e questões relacionadas com suas preocupações com a terra. A maior parte da pesquisa foi realizada em Suya, que o Dr. Seeger fala. Como material de apoio a esse relatório, o autor dispõe de anotações abundantes, publicações anteriores, assim como gravações em áudio e vídeo. Questões relacionadas com o uso da terra já constavam dos primeiros textos publicados por Dr. Seeger.

Os Suyá são uma sociedade de língua Gê, relacionados linguística e culturalmente com os Timbira e Apinayé.

Após sua chegada na região no século XIX, adaptaram para seu uso muitos elementos da cultura material dos índios do Alto Xingu, inclusive canoas, redes e técnicas de processamento de mandioca. Desde tempos imemoriais, os Suyá costumam aproveitar os recursos alimentícios e cerimoniais de diversos ecossistemas: os dos rios e das regiões de cerrado do planalto. Como muitos outros Ge, os Suyá tem a tradição de viajar por longos períodos enquanto suas roças amadurecem, aproveitando recursos dispersos numa ampla área geográfica.

Os Suyá chegaram à desembocadura do Rio Suiá-Miçu na segunda metade do século XIX, após uma longa migração da área atualmente ocupada pelos Timbira no Maranhão. A primeira menção que se fez deles (Steinen 1942) os coloca, já em 1884, muito próximos à sua atual localização no PI Diauarum (Aldeia 1 no mapa). Naquela época chamavam o rio de "Waiku io ngo" ou "Rio dos Waiku", devido uma tribo que morava a uma distancia bastante grande à montante. Os laruma eram um dos grupos que morava bastante longe à montante, nas margens do Rio Daro (Ilore iongo). Depois de uma série de incursões do Alto Xingu, os laruma sobreviventes casaram com ou foram educados pelos Suyá, que portanto afirmam ser descendentes de moradores históricos da região do Rio Suiá-Miçu de maior tempo. Sabiam que mais longe ainda à montante, viviam outros índios que desconheciam e que acreditavam ser os Xavante.

No final do século XIX, enquanto os Suyá moravam em Diauarum, certamente utilizaram os recursos do Rio Suyá missu, assim como do Manitsaua; narram longas expedições para o ocidente na busca de castanha-do-pará e outros recursos. O movimento de grupos de índios que subiram o Xingu do norte resultou numa série de conflitos com os Kayapó e os Juruna. Agregaram à sua população membros das tribos Manitsaua e laruma. Após a visita de Karl von den Steinen, sua aldeia nas margens do Xingu foi atacada pelos Txukarramãe e os Juruna, trazendo mortes e sequestros; os Villas-Bôas calculam que quase a metade da população Suyá foi perdida desta forma (Villas-Bôas 1973:35). Para responder aos ataques, e já que os laruma não controlavam mais o rio, os Suyá subiram o Suiá-Miçu, parando primeiro em Yamuricama (aldeia 2) e depois na foz do Córrego Santo Antonio (aldeia 3), onde a população atingiu seu auge no período anterior ao contato. A aldeia tinha muitas casas, duas casas de homens e um assentamento satélite nas cercanias (um assentamento satélite é o que, nas cerimônias, se junta a uma aldeia maior).

Os conflitos com os Juruna continuaram enquanto moravam nessa aldeia. Por volta de 1915 os Juruna e um grupo de seringueiros rodearam a aldeia e a queimaram por completo, baleando e matando muitos Suyá (ver Nimuendaju 1952:433). Depois desse massacre e outros ataques, os Suyá subiram o rio até aldeia 4, mas as roças não eram boas. Logo depois se dispersaram. Os descendentes dos laruma voltaram a sua aldeia antiga nas margens do Rio Daro (aldeia 5). Outros foram para o Alto Xingu para lá morar com diversos grupos.

Depois de um período de vários anos, juntaram-se novamente numa única aldeia nas margens do Daro (aldeia 5).

Quando viram sinais de outros índios perto de sua aldeia, possivelmente de Xavante ou Karajá, mudaram para duas aldeias (aldeias 6 e 7) nas margens do rio Paranaíba (ngo sakachi) e o Corrego Jandaia (ngo chire). Houve mais ataques sobre esses grupos e decidiram mudar para um labirinto de pequenos cursos d'água de um afluente do Suiá-Miçu, o Rio das Pacas (ngo katochi). Moraram numa aldeia chamada hwin ko (aldeia 9) e outra chamada Rophwinkokupuita (aldeia 8).

No período em que moravam nessas aldeias, foram sobrevoados por aviões, viram sinais de não-índios na floresta e posteriormente foram contatados por Juruna pacíficos que voltaram com a expedição que pacificou os Suyá em 1959.

Logo depois da pacificação adoeceram; disseram-lhes que deveriam mudar para algum lugar mais próximo de Diauarum, para ter acesso a atendimento médico. Kuiussi, o atual capitão dos Suyá, relata: "Nós não tínhamos melhores informações na época. Os anciãos decidiram que deveríamos mudar para a nossa antiga aldeia, Yamuricumá (aldeia 10). Todos os idosos morreram nessas aldeias."

Depois de aproximadamente um ano em duas outras aldeias, os Suyá construíram uma nova aldeia bastante grande perto de Diauarum, onde os visitei repetidas vezes entre 1971 e 1982. Permaneceram no lugar até por volta de 1988. O Baixo Suyá missu, perto de Diauarum, não era a localização ideal para uma aldeia. Tinha pouca terra boa para as roças. Durante minhas visitas nos anos 70, as safras das roças dos Suyá eram relativamente pequenas (comparadas com as dos Kayabi da época e as da nova aldeia em 1994) e a terra era arenosa e infértil. Apesar disso, os Suyá permaneceram perto de Diauarum por mais de uma década em função do atendimento médico e porque foram convidados a colaborar com as expedições de pacificação e o assentamento de novos grupos na região. Entre 1970 e 1982 os Suyá receberam dois grupos de índios trazidos do Xingu, sucessivamente. Pretendia-se que os ensinassem a viver no novo ecossistema. O primeiro grupo era os Tapayuna (Beijos de Pau), parecidos linguisticamente; este grupo morou com os Suyá durante alguns anos até descer o rio para morar com uma comunidade Kayapó. O segundo grupo era de Panará, que vivia numa aldeia a cem metros de distância por dois anos antes de estabelecerem uma aldeia própria no Rio Xingu. Em 1988 se mudaram à jusante para uma aldeia perto do Rio Wawi, onde sua aldeia grande tinha sido queimada em 1915; chamava-se Aldeia Rico por causa de um bosque de palmeiras (likko).

Mudaram-se para lá por uma série de motivos, entre os quais o de defender suas terras e também porque muitas pessoas haviam morrido na outra aldeia.

Entre 1960 e 1988 os Suyá nunca abandonaram aldeias 8 e 9. Continuaram visitando os locais das aldeias antigas para coletar fruta pequi dos bosques

hereditários, bananas de suas antigas roças e penas de pássaros e outros recursos não disponíveis na reserva do Xingu. As canoas que voltavam a subir o rio eram carregadas de peixes, caça, caules de buriti, pássaros, barro para vasos e muitos outros itens que só se conseguem fora do Parque Indígena do Xingu.

Mesmo depois de abandonadas, as aldeias são importantes para os Suyá. São o "lugar de assento" dos mortos. Elas e os rios, as árvores e marcos que as circundam tem uma importância enorme nas narrações da história dos Suyá. Os Suyá ensinam as crianças história durante longas viagens de canoa para os antigos assentamentos; cada curva no rio e mudança no ecossistema contém uma história. Consideram ambas as antigas aldeias à jusante ocupadas (pelos mortos) e que efetuaram melhorias nas terras.

Até os anos 70 as fazendas começaram a estabelecer-se na região, mas o desmatamento era relativamente pequeno. Hoje, em 1994, o desmatamento é muito amplo fora de sua área e o impacto ecológico da enturvação das águas, as mudanças na paisagem e o intenso desenvolvimento agro industrial do início do percurso do Suia-Miçu exigem terras adicionais para que os Suyá possam proteger sua história, sua subsistência e seu futuro.

A Situação Atual (1994)

Durante minha visita em 1994, os Suyá disseram que não se interessavam em reivindicar todas as localidades onde tiveram aldeias. Queriam proteger o Córrego Santo Antonio de assentamento e poluição para continuar vivendo na região. Propuseram traçar uma linha paralela ao Córrego, ao leste da bacia de escoamento, e queriam preservar terras próximas às suas antigas aldeias no Rio das Pacas.

Justificativas:

A Córrego Santo Antônio

1. Ecológicas

a. **Pesca.** Quando visitei os Suyá entre 1971 e 1982, o Rio Suia-Miçu era quase transparente. O uso de arco e flecha era o método mais comum de pesca durante a temporada não chuvosa, pois os tucunarés e outras espécies alimentam-se na água rasa. Em 1994 ninguém carregava arcos nas canoas porque a água era tão turva que os pescadores não enxergavam os peixes. Os peixes, por sua vez, não enxergavam sua caça e conseqüentemente eram menos abundantes e gordos. Os Suyá querem preservar a transparência do Rio das Pacas para sua pesca.

b. **Beber e tomar banho.** As águas turvas e possivelmente poluídas do Suia-Miçu é uma preocupação dos Suyá. Estão preocupados com doenças transmitidas em água. Tomam banho frequentemente várias vezes por dia e dizem que o fluxo da água do rio é bom para o crescimento e também é usado

em cerimônias. Enquanto for possível cavar poços e equipar as casas com bombas alimentadas por energia solar, o significado espiritual e físico de tomar banho de rio não pode ser transferido.

c. **Recursos.** O Parque Indígena do Xingu é um meio ambiente ribeirinho, enquanto o Córrego das Pacas e os rios rumo ao leste são ricos em recursos da savana que os Suyá sempre usaram para sustentar-se e para sua vida religiosa. O Córrego das Pacas tem os seguintes recursos essenciais para a vida dos Suyá.

i. **Bosques de buriti.** As fibras de buriti são utilizadas nas redes, adornos cerimoniais e muitos objetos usados em ritos. As toras da árvore são usadas em corridas rituais. Praticamente não existe buriti no baixo Suiá-Miçu.

ii. **Pássaros.** Tradicionalmente, os Suyá criam passarinhos para recolher suas penas, que têm um significado ritual importante. As savanas, com seus bosques de buriti, são áreas importantes para a reprodução de papagaios, araras e outros pássaros cujas penas são aproveitadas.

iii. **Árvores grandes para canoas.** Grande parte do baixo Suiá-Miçu é alagada durante as chuvas. Árvores altas e retas para a construção de canoas são difíceis de achar e quando achadas estão, frequentemente, muito distantes da água. Dizem que o Córrego das Pacas tem uma abundância especial de árvores grandes provavelmente pela maior fertilidade do solo.

iv. **Solo.** O solo que circunda a antiga aldeia na boca do Wasi é particularmente rico e adequado às roças dos Suyá. Não há muita terra fértil no baixo Suiá-Miçu.

v. **Cocos usados como adorno.** As frutas de alguns dos coqueiros que crescem nas águas pantanosas do Wawi são usadas, muitas vezes, em chocalhos, colares e adornos rituais. Não são só objetos rituais, mas durante os últimos 20 anos tornaram-se uma fonte de renda monetária para os Suyá, que trocam esses objetos por artigos que não conseguem fabricar.

vi. **Ervas medicinais.** Algumas espécies vegetais que os Suyá dizem ser particularmente poderosas só crescem nas áreas de savana. Encontram-se no Córrego Santo Antonio e no Rio das Pacas.

B. Rio das Pacas

Os Suyá querem preservar as terras ao redor de suas antigas aldeias no Rio das Pacas. Na época de minha visita, não queriam reivindicar o direito ao rio inteiro porque já tinha sido desmatado, em grande parte, e por causa de relações comerciais mantidas com fazendas da região há muito tempo. No entanto, querem ter acesso e poder explorar recursos importantes; além disso, seus mortos estão enterrados em tres dessas antigas aldeias.

1. Recursos.

- i. Buriti, ervas medicinais, cocos, etc., da mesma forma do que no Córrego Santo Antonio.
- ii. Cocos de pequi dos bosques hereditários de pequi. Alguns desses bosques já foram cortados pelos fazendeiros mas outros continuam produzindo. Em julho de 1994 as flores indicavam que teria uma boa safra, na estação das chuvas.

2. Parentes falecidos. Nas listas a seguir, relaciono os nomes das pessoas enterradas nas aldeias, com seu parentesco com Suyá vivos. Favor notar que a ortografia varia de autor em autor.

i. Aldeia onde as árvores pequi ainda existem (hwin ko):

Kokoiereti (o pai da esposa de Twensoti)
Kokoiatenti (o irmão da mãe de Tewensoti)
Doyahogti (a avó de Kogrere)

ii. Aldeia onde as árvores de piqui já foram derrubadas/cortadas:

Hwanduwuti (pai de Kodngo)
Amengwatoti (pai de Moti)
Pidsúula (mulher Kayapó)
Kokontu (mãe de Bote)
Tepti (irmão da mãe do Chefe)
Kokomassama (mãe de Gaiti)
Gaindohro (não consta de minha genealogia com esse nome)

Outros parentes foram enterrados na aldeia à jusante no mesmo rio, assim como em outros locais. Os Suyá vem discutindo com os fazendeiros da região a possibilidade de preservar essas aldeias e o acesso a elas para seus descendentes, mesmo que não sejam incluídas em seu território.

A Proposta dos Suyá

Os Suyá propõem que um setor da terra sem melhorias (ainda não desmatado) seja anexado ao Parque Indígena do Xingu para proteger a cabeceira do Córrego Santo Antonio e garantir o acesso permanente aos recursos essenciais que se encontram no rio.

Em julho de 1994 propuseram que a curva na fronteira seja endireitada para incluir as cabeceiras de todos os afluentes do Córrego Santo Antonio. Esperavam que se tornasse uma reserva biológica, mas não aconteceu. Na atual situação, reivindicam o direito a essa terra.

Anexo 1: Nomes de aldeias, rios e lugares em Suyá e português

I. Nomes dos rios (de oeste para leste)

- Córrego Santo Antonio = wawi
- O longo afluente do leste = lanaru kid io ngo
- Rio das Pacas = ngo katochi
- Paranaíba ou Xaconte = ngo sakachi
- Córrego Jandaia = ngo chire
- Rio Daro = hore iongo

II. Lugares das aldeias, por número (ver mapas)

1. Otoko (Diauarum)
2. Yamuricuma
3. Wawihwokratkama
4. aldeia onde as roças não cresceram
5. horeiongo (hore iongo é hoje a Fazenda Brasil Novo)
6. ngo sakachi (ngo sakachi é hoje a Fazenda Santana e Agroplan)
7. ngo chire
8. rophwinkokupuita (Rophwinkokupuita é hoje Fazenda Amoreira)
9. hwinko
10. Diauarum (após pacificação)
11. pata seiji
12. likko (Rico)